

Musicoterapia e Câncer Infantil: inter-relação entre música, emoção e sistema imunológico¹

Deise Luci Barsotti Ferreira*

Vários autores em áreas como a psicossomática, a psico-oncologia e a psiconeuroimunologia consideram os aspectos psicológicos e biológicos como inseparáveis e interdependentes, ou seja, na doença, haverá sempre uma inter-relação entre psique e corpo.

Quanto ao enfoque psicossomático, de acordo com Ramos (1994) e Chiattonne (1996), o conflito (interação ou separação) mente-corpo sempre existiu, sendo que desde a Antiguidade se estuda sobre esta relação (mente e corpo). Vale aqui apresentar o Princípio Psicofisiológico formulado por Greene e colaboradores (1970) e citado por Weil e Tompakow (1986): “Cada modificação no estado fisiológico é acompanhada por uma mudança apropriada no estado mental-emocional; e reciprocamente cada modificação no estado mental-emocional é acompanhada por uma mudança apropriada no estado fisiológico” (p. 169).

De acordo com Chiattonne (Op. Cit.), as discussões sobre a relação psique-corpo datam de séculos antes de Cristo, porém, no que diz respeito às doenças, segundo Ramos (1994), somente a partir dos últimos vinte anos houve um real interesse pelos fatores emocionais nas doenças, principalmente nas doenças cardíacas, auto-imunes e no câncer.

Em relação ao câncer, Ramos (Op. Cit.) relata que já nos anos cinquenta, a partir de relatos de casos descritivos, foi observada uma sobrevivência menor em pacientes resignados, em comparação com aqueles que eram mais capazes de expressar sentimentos negativos. Portanto, o paciente com câncer deve ser considerado em seu todo, ou seja, a mente e o corpo não podem ser considerados de forma dissociada, pois são inseparáveis.

O paciente com câncer, segundo Chiattonne (Op. Cit),

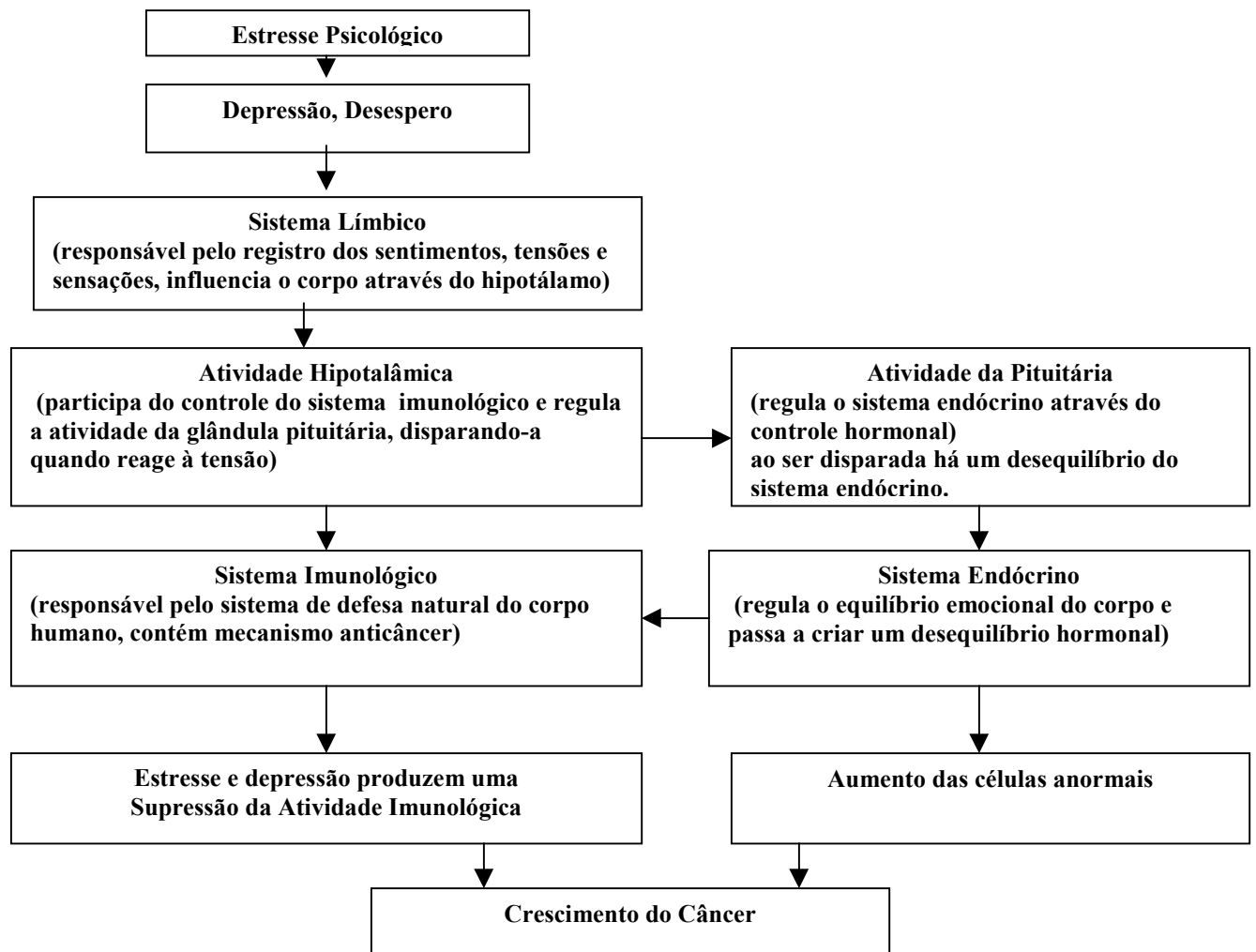
¹ Artigo escrito a partir de monografia apresentada pela autora, ao Curso de Graduação em Musicoterapia da Universidade Federal de Goiás em 2003, sob a orientação da Prof^a Ms. Claudia Regina de Oliveira Zanini e co-orientação da Mt. Eliamar Ap^a de Barros Fleury e Ferreira.

* Licenciada em Música/ USC (SP). Graduada em Musicoterapia/UFG. Musicoterapeuta clínica do IINEURO (Instituto Integrado de Neurociências-Goiânia). Musicoterapeuta hospitalar da pediatria do Hospital Araújo Jorge, pertencente à Associação de Combate ao Câncer em Goiás (ACCG). Vice-presidente da ASGMT- Associação Goiana de Musicoterapia

“... adocece como um todo, como uma unidade vital somato-psicológica, apresentando muito mais do que uma doença orgânica com sua sintomatologia pois junto a ela estão a consciência e os sentimentos frente à enfermidade, com as repercussões próprias e pessoais na maneira de viver, de adaptar-se ao stress vital e delinear seu próprio destino” (p. 79).

Simonton (1990) assinala a importância de permitir à pessoa doente, sentir e expressar reações e sentimentos, pois sentimentos reprimidos levam, geralmente, ao aumento da depressão emocional, impedindo o sistema imunológico de funcionar perfeitamente e podendo retardar a cura.

Vale aqui apresentar o modelo Corpo/Mente desenvolvido por Simonton, Simonton e Creighton (1987), que mostra os estados psicológicos e físicos atuando, juntos, no desenvolvimento do câncer:



Fonte: Simonton, Simonton e Greighton. **Com a vida de novo**: uma abordagem de auto-ajuda para pacientes com câncer. São Paulo: Summus, 1987.

Como apresentado no modelo acima, o estresse e a depressão são registrados pelo sistema límbico que atuará diretamente no sistema imunológico através do hipotálamo, causando uma supressão da atividade imunológica. O hipotálamo, ao reagir à situação estressante, aciona a glândula pituitária desequilibrando o corpo a nível emocional e hormonal. Este desequilíbrio favorece a produção de células anormais. A supressão da atividade imunológica e o aumento das células anormais resultam no crescimento do câncer.

Porém, de acordo com Carvalho (2002), a expressão dos sentimentos faz com que a energia seja revigorada, ajudando as células “boas” a se fortalecer para enfrentar as células “más”.

Em entrevista ao Informativo JD (Laboratório Jarbas Doles, 1999) Gramacho¹ assinala que “... pesquisas na área da psiconeuroimunologia demonstram que as situações alegres, de humor, alegria e esperança, trabalhadas com a criança no hospital fazem aumentar as defesas imunológicas do organismo, protegendo-as das infecções”.

Encontra-se ressonância às palavras acima, comparando-as com o que diz Maranto (1990), citado por Ferreira (1999), em relação à música: “A música sem dúvida, é um comunicador emocional e o tipo adequado à pessoa proporciona uma experiência emocional positiva. Experiências emocionais positivas intensificam o funcionamento do sistema imunológico” (p.26).

Jaret (2001), também relaciona a música com o sistema imunológico, ao dizer que:

“Parte do poder da música resulta da capacidade de reduzir a ansiedade – que pode comprometer as defesas imunológicas, bem como intensificar a sensação de dor. A música, em especial o canto, desvia a atenção da pessoa do sofrimento e alivia a tensão” (p. 131).

Para Jourdain (1998) a música, por ter surgido como um fortalecimento dos laços sociais e resolução de conflitos, deve sua existência às emoções, pois é através do exercitar das emoções que se estabelece relação com outros seres humanos, sendo assim: “De alguma forma, a música corporifica emoção” (p.389). De acordo com o autor as emoções são negativas ou positivas, sendo negativas quando a experiência não corresponde à previsão e positivas quando a experiência supera a previsão. A partir desses princípios

¹ GRAMACHO, Patrícia Marinho. Psicóloga do Serviço de Oncologia Pediátrica do Hospital Araújo Jorge.

fica fácil ver como a música gera emoção: “A música cria previsões e depois as satisfaz. Ela pode reter suas resoluções, assim aumentando as previsões e, depois, satisfazer as previsões com um grande jorro de resoluções” (p.393).

Em 1941, a filósofa Langer, citada por Gardner (1999), propôs que a música apresenta as formas dos sentimentos que permeiam a vida interior do homem (tensões, ambigüidades, contrastes e conflitos), os quais não podem ser descritos por palavras ou fórmulas lógicas, cabendo aí o mistério da música:

“O real poder da música reside no fato de que ela pode ser ‘fiel’ à vida dos sentimentos de uma forma que a linguagem não pode; pois suas formas significantes possuem aquela ambivalência de conteúdo que as palavras não podem ter (...) A música é reveladora onde as palavras são obscurecedoras, porque ela pode ter não apenas um conteúdo, mas um jogo transitório de conteúdos. Ela pode articular sentimentos sem tornar-se comprometida com eles” (p. 56).

Reforçando-se o pensamento de Langer, para Borchgrevink (1991), a música “(...), deve ser considerada um meio de comunicação, e, como na maioria das manifestações artísticas, as emoções, (...), podem ser expressadas – freqüentemente de forma mais direta do que através do código verbal, ...” (p. 57).

Verifica-se que a música é um meio não-verbal, consciente e/ou inconsciente, de comunicação/expressão de sentimentos e afetos. Estes sentimentos e afetos podem ser alterados positivamente, como pode ser verificado no que diz Snyders (1992):

“A música é a alegria de não permanecer em desespero, de não se deixar esmagar pelo desespero; o grito de sofrimento passa na música e então o sofrimento encarna-se numa forma estética, humana – que nos impede de abandonarmo-nos a ele. Por mais áspero que seja o tema abordado, a música não deixará de introduzir nele algo de terno” (p.116).

Ainda, segundo o mesmo autor, a música caminha em direção à esperança, não ignorando ou renegando o desespero, mas levando o indivíduo além dele, pois a música desperta o trágico e também os recursos do ser humano para enfrentá-lo.

No que diz respeito especificamente às crianças, Nordoff e Robbins, citados por Ruud (1990), assinalam:

“A música é uma linguagem e, para as crianças, ela pode ser uma linguagem estimulante, uma linguagem confortadora. Ela pode encorajar, animar, encantar e falar com a parte mais interna da criança. A música pode fazer perguntas estimulantes e dar respostas satisfatórias. Ela pode ativar e, em seguida, manter a atividade por ela evocada” (p. 72).

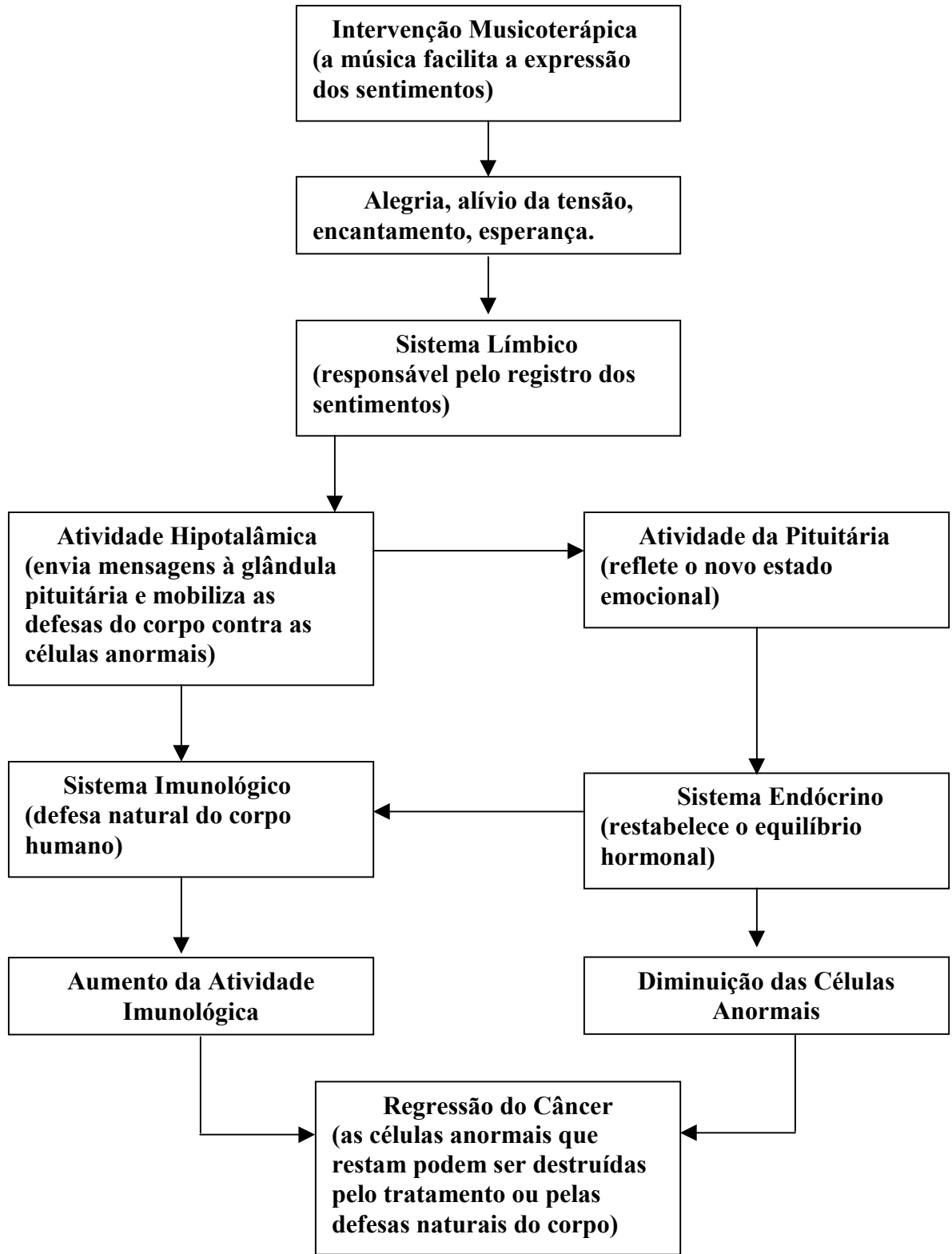
Como visto, as inúmeras pesquisas e discussões na área da psicossomática e também da psiconeuroimunologia e psico-oncologia apontam para um atual e, cada vez maior reconhecimento da inter-relação entre psique e corpo, entre aspectos emocionais e o câncer.

Nesta premissa, pode-se atribuir à música tanto a capacidade de atingir o homem de forma integral, a partir de suas características inerentes (elementos - som, ritmo, melodia, harmonia; parâmetros do som - altura, intensidade, timbre, duração), quanto à capacidade de atuar como uma ponte entre psique e corpo, devido a sua imensa possibilidade inerente de comunicar e expressar emoções, ficando claro o seu potencial terapêutico.

No que diz respeito à criança portadora de câncer, esta apresenta, além da doença orgânica, sentimentos e reações frente à doença. Os autores acima citados (Ramos, Simonton, Chiatton, Simonton e Creighton) apontam para a agravante de se reprimir esses sentimentos para o perfeito funcionamento do sistema imunológico.

No tocante à música, os vários autores (Maranto, Jaret, Jourdain, Langer, Snyders, Nordoff e Robbins) apontam para a música como veículo de expressão emocional. Pode-se então concluir que a efetividade da expressão emocional, através da música, se dará tanto para os sentimentos negativos quanto para os sentimentos positivos, ambos podendo resultar em energia revigorada, que por sua vez implicará em fortalecimento do sistema imunológico da criança portadora de câncer.

A partir do exposto e em analogia a Simonton, Simonton e Creighton (1987) que apresentam um modelo Corpo/Mente de Recuperação através de intervenções psicológicas, acredita-se ser possível apresentar, um modelo Corpo/Mente de Recuperação através de intervenções musicoterápicas:



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORCHGREVINK, H. M. O cérebro por trás do potencial terapêutico da música. In: RUUD, Even (org.). **Música e saúde**. São Paulo: Summus, 1991.

CARVALHO, Maria Margarida M. J. de (coord.). **Introdução à psiconcologia**. Campinas, SP: Livro Pleno, 2002.

CHIATTONE, H. B. C. de; NICOLETTI E. A. Uma vida para o câncer. In: CAMON, V. A. A. (org.). **O Doente, a psicologia e o hospital**. 3ª ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

FERREIRA, Eliamar Aparecida de Barros Fleury e. **Musicoterapia e câncer**: o canto da dor. Monografia (Especialização em Musicoterapia) – Escola de Música da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

GARDNER, Howard. **Arte, mente e cérebro**: uma abordagem cognitiva da criatividade. Porto Alegre: Artmed, 1999.

JARET, Peter. O poder de cura da música. **Revista Seleções – Reader's Digest**, Rio de Janeiro, p. 131, dez. 2001.

JOURDAIN, Robert. **Música, cérebro e êxtase**. Como a música captura nossa imaginação. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

LABORATÓRIO JARBAS DOLES. Câncer infantil: o importante papel da comunidade nesta luta pela vida. **Informativo JD**, Goiânia, ano V, n. 12, Out. 1999.

RAMOS, Denise Gimenez. **A Psique do corpo**. Uma compreensão simbólica da doença. São Paulo: Summus, 1994.

RUUD, Even. **Caminhos da musicoterapia**. Tradução de Vera Wrobel. São Paulo: Summus, 1990.

SIMONTON, Stephanie M. **A família e a cura**. Tradução de Heloisa Costa. São Paulo: Summus, 1990.

SIMONTON, O. C.; SIMONTON, S. M. e CREIGHTON, J. L. **Com a vida de novo**: uma abordagem de auto-ajuda para pacientes com câncer. São Paulo: Summus, 1987.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** Tradução de Maria José do Amaral Ferreira.. São Paulo: Cortez, 1992.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala:** a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Petrópolis: Vozes, 1986.